

Harlan Coben



O INOCENTE





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Em memória de
Steven Z. Miller.*

*Para todos nós que tivemos a sorte de ser seus amigos –
tentamos ser gratos pelo tempo que passamos juntos,
mas é muito difícil.*

*E para a família dele, em especial Jesse, Maya T. e Nico –
quando estivermos mais fortalecidos, falaremos sobre o pai de vocês,
porque ele foi o melhor ser humano que conhecemos.*

Prólogo

VOCÊ NÃO TINHA INTENÇÃO de matá-lo.

Seu nome é Matt Hunter. Tem 20 anos de idade e cresceu em um bairro de classe média alta nos subúrbios do norte de Nova Jersey, perto de Manhattan. Mora na parte menos favorecida da cidade, mas é uma cidade muito rica. Seus pais trabalham duro e o amam de maneira incondicional. Você é o filho do meio. Tem um irmão mais velho, a quem idolatra, e uma irmã mais nova, a quem tolera.

Como todo jovem de sua cidade, você cresceu pensando no futuro e em qual faculdade iria fazer. Estuda muito e tira boas notas, embora não espetaculares. Sua média é 8. Não está entre os dez por cento melhores, mas chega perto. Realiza algumas atividades extracurriculares, incluindo um período como tesoureiro da escola. Joga futebol americano e basquete e é bom o suficiente para fazer parte do time principal, mas não para conseguir uma bolsa de estudos. É meio metido e tem um charme natural. É um dos mais populares da escola. Quando faz o teste de admissão para a faculdade, sua alta pontuação surpreende o orientador educacional.

Tenta entrar nas universidades mais prestigiosas, mas não consegue por pouco. Em Harvard e Yale, é rejeitado de cara. Em Penn e Colúmbia, entra na lista de espera. Acaba indo para a Bowdoin, uma pequena instituição particular frequentada pela elite em Brunswick, no Maine. Você adora o lugar. As turmas são pequenas e você faz amizades. Não tem namorada, mas provavelmente não está à procura de uma. No segundo ano, entra para o time principal de futebol americano. Também faz parte do de basquete e, agora que o melhor jogador se formou, você tem uma grande chance de conseguir se destacar.

Então, um dia, ao voltar para o campus entre o primeiro e o segundo semestres do terceiro ano, você mata uma pessoa.

As férias com sua família estão maravilhosas, mas os treinos de basquete recomeçam. Você dá um beijo de despedida em sua mãe e em seu pai e segue de carro para a faculdade junto com seu melhor amigo e colega de quarto, Duff. Ele é de Westchester, Nova York. É baixinho e tem as pernas grossas. Também joga no time de futebol americano e é reserva no de basquete. É o maior bebedor da universidade. Nunca perde uma competição de copo.

Você dirige.

Duff quer parar na Universidade de Massachusetts – mais conhecida como

UMass – em Amherst, que fica no caminho. Um amigo dele da época do colégio é membro de uma famosa fraternidade de lá. Eles darão uma grande festa.

Você não está muito animado, mas não é de perder uma boa festa. Fica mais à vontade em reuniões menores, nas quais conheça todo mundo. Bowdoin tem cerca de 1.600 alunos, enquanto a UMass tem quase 40 mil. É início de janeiro e faz muito frio. O chão está coberto de neve. Você consegue ver a própria respiração se condensar à sua frente enquanto se dirige à casa onde funciona a fraternidade.

Você e Duff jogam seus agasalhos em uma pilha. Você se lembrará disso muitas vezes ao longo dos anos, daquele monte de casacos. Se tivesse ficado com o seu, se o tivesse deixado no carro, se o tivesse colocado em qualquer outro lugar...

Mas nada disso aconteceu.

A festa está boa. Frenética, sim, mas você acha que é uma agitação forçada. O amigo de Duff quer que vocês dois durmam no quarto dele. Você concorda. Você bebe bastante – afinal, é uma festa de faculdade –, mas nada comparado a Duff. O ânimo da festa começa a esfriar. A certa altura, vocês vão buscar os casacos. Duff está segurando uma cerveja. Ele pega o agasalho e o joga no ombro.

Então entorna um pouco da bebida.

Não muito. Só um pouco. Mas é o suficiente.

O líquido cai em um casaco vermelho fino. Essa é uma de suas lembranças. O frio lá fora está congelante, mas apesar disso alguém levou apenas um agasalho leve. Outra coisa que você nunca vai esquecer é que a peça é impermeável. O pouquinho de cerveja derramada não a estragará. Não a manchará. O tecido poderia ser lavado com facilidade.

Mas alguém grita:

– Ei!

Ele, o dono do casaco, é um cara grande, mas não gigantesco. Duff dá de ombros. Não pede desculpas. O sujeito, o Sr. Casaco Vermelho, começa a reclamar com ele. Isso é um erro. Você sabe que Duff é bom de briga e tem o pavio curto. Toda faculdade tem um Duff, aquele sujeito que você nunca imaginaria perdendo uma disputa.

Esse é o problema, claro. Toda faculdade tem um Duff, e às vezes o Duff de uma esbarra com o Duff de outra.

Você tenta acabar com aquilo bem rápido, tenta levar na brincadeira, mas está lidando com dois cabeças-duras que beberam demais e já estão com o rosto vermelho e os punhos em riste. Um deles – você não lembra qual – desafia o outro e todos saem para a noite fria. Você percebe que está em uma bela enrascada.

O sujeito do casaco vermelho está com vários amigos.

Há oito ou nove deles, e você e Duff estão sozinhos. Você procura o amigo de Duff, o tal de Mark, ou Mike, algo assim, mas ele não se encontra por perto.

Logo a briga começa.

Duff abaixa a cabeça como um touro e parte para cima de Casaco Vermelho. O outro desvia para o lado e agarra Duff em um mata-leão. Dá um soco em seu nariz e em seguida, ainda segurando-o, mais um. E outro. E outro.

A cabeça de Duff está abaixada. Ele se contorce para se libertar, mas não adianta nada. Por volta do sétimo ou oitavo soco, para de se mexer. Os amigos de Casaco Vermelho começam a gritar, animados. Os braços de Duff estão caídos dos lados de seu corpo.

Você quer acabar com aquilo, mas não sabe como. Casaco Vermelho continua o trabalho de forma metódica, sem pressa, soco após soco. Os amigos dele o aplaudem, gritando efusivamente a cada golpe.

Você está aterrorizado.

Seu amigo está sendo espancado, mas você está mais preocupado consigo mesmo. Isso o deixa envergonhado. Quer fazer algo, porém sente medo, muito medo. Não consegue se mover – suas pernas parecem feitas de borracha e seus braços formigam. Você se odeia por isso.

Casaco Vermelho acerta outro soco em Duff e o solta. Duff cai no chão como um saco de roupa suja. Casaco Vermelho chuta-lhe as costelas.

Você é o pior amigo de todos. Está assustado demais para ajudar. Nunca esquecerá essa sensação. Covardia. Pensa que isso é pior do que ser espancado. O silêncio, a terrível sensação de desonra.

Outro chute. Duff geme e vira-se de costas. O rosto dele está cheio de listras vermelho-escuras. Mais tarde você ficará sabendo que os ferimentos foram leves – ele vai ficar com os dois olhos roxos e vários hematomas, nada mais. Naquele momento, porém, ele parece muito mal. Você sabe que Duff nunca ficaria assistindo a você ser espancado daquela maneira.

Você não consegue mais aguentar e sai da multidão.

Todos olham para você. Por um instante, ninguém se mexe, ninguém fala. Casaco Vermelho está ofegante. É possível ver a respiração dele se condensando no ar gelado. Você treme. Tenta parecer racional. “Ei”, diz, “já chega.” Abre os braços, dá seu sorriso charmoso, fala que Duff perdeu a briga, que está acabado. “Você venceu”, diz para Casaco Vermelho.

Alguém pula em cima de você por trás, envolvendo-o com os braços e apertando-o com força.

Você está imobilizado.

Casaco Vermelho vai em sua direção. Seu coração bate tão forte que quase pula do peito. Você joga a cabeça para trás e seu crânio acerta o nariz de quem o está segurando. Casaco Vermelho está mais próximo agora. Você se esquivava. Mais alguém surge da multidão. Ele tem cabelos louros e é corado. Você presume que seja outro amigo de Casaco Vermelho.

O nome dele é Stephen McGrath.

Ele tenta agarrá-lo, mas você escapa. Outros vão atrás de você, que entra em pânico. Stephen McGrath põe as mãos em seus ombros. Você tenta se soltar e gira com violência.

Nesse momento, consegue se desvencilhar e agarra o pescoço dele.

Foi você que o atacou? Foi ele que o puxou ou você que o empurrou? Você não sabe. Um de vocês perdeu o equilíbrio? Foi culpa do gelo? Você se lembrará desse momento inúmeras vezes, mas a resposta nunca ficará clara.

De qualquer forma, os dois caem.

Você continua com as mãos no pescoço dele, na altura da garganta, e não solta.

Vocês atingem o chão com um baque surdo. A nuca de Stephen McGrath bate na beirada da calçada. Ouve-se um som horrível e infernal de algo se quebrando, de algo molhado e oco, um ruído diferente de tudo o que você já escutou.

O som marca o fim da vida como você a conhece.

Você sempre se lembrará dele, daquele barulho horrível. Ele nunca o abandonará.

Tudo para. Você olha para baixo. Stephen McGrath está com os olhos abertos, sem piscar. Mas você já sabe. Percebeu no momento em que o corpo dele ficou repentinamente inerte, no momento em que ouviu aquele som horrível e infernal.

As pessoas se afastam. Você não se mexe. Não se move por um longo tempo.

Então tudo acontece muito rápido. Os seguranças do campus aparecem. Depois, a polícia. Você conta a eles o que aconteceu. Seus pais contratam uma ótima advogada de Nova York. Ela o orienta a dizer que foi legítima defesa. Você obedece.

E continua ouvindo aquele som horrível.

O promotor ridiculariza sua versão. “Senhoras e senhores do júri”, diz ele, “o réu por acaso escorregou com as mãos ao redor do pescoço de Stephen McGrath? Ele quer mesmo que acreditemos nisso?”

O julgamento não vai bem.

Nada tem importância para você. Antes, você se importava com notas e horários de jogos. Que ridículo. Amigos, garotas, posição social, festas, sucesso,

essas coisas. Todas elas são ilusórias. Todas elas foram substituídas por aquele som terrível de crânio se espatifando no concreto.

No julgamento, você ouve seus pais chorarem, mas são os rostos de Sonya e Clark McGrath, pais da vítima, que vão assombrá-lo. Sonya o fuzila com o olhar o tempo todo. Ela o desafia a encará-la.

Você não consegue.

Você tenta ouvir o júri anunciar o veredicto, mas os outros sons o atrapalham. Eles nunca param, nunca diminuem de volume, nem quando o juiz olha para baixo com seriedade e pronuncia a sentença. A imprensa está atenta. Você não será enviado a um presídio cheio de regalias para onde são mandados rapazes brancos de posição social privilegiada. Não em um ano de eleições.

Sua mãe desmaia. Seu pai tenta ser forte. Sua irmã corre para fora do tribunal. Seu irmão, Bernie, fica paralisado.

Você é algemado e levado. O modo como foi criado não o ajudará em nada a enfrentar o que virá pela frente. Você viu na televisão e ouviu todas as histórias sobre estupro na cadeia. Isso não ocorre – nada de violência sexual –, mas você é espancado na primeira semana. Comete o erro de identificar quem o agrediu. É atacado mais duas vezes e passa três semanas na enfermaria. Anos depois, você ainda verá vestígios de sangue na urina algumas vezes, lembrança de uma pancada no rim.

Você vive em um estado de medo constante. Quando volta para a cela, descobre que o único jeito de sobreviver é aliando-se a uma bizarra ramificação da Nação Ariana. Eles não têm grandes ideias nem uma visão grandiosa de como os Estados Unidos deveriam ser. Basicamente, apenas adoram odiar.

Seis meses depois da condenação, seu pai morre em decorrência de um infarto. Você sabe que a culpa é sua. Quer chorar, mas não consegue.

Fica quatro anos na prisão. Quatro anos – o mesmo período de tempo que a maioria dos estudantes passa na faculdade. Seu aniversário de 25 anos está quase chegando. Dizem que você mudou, mas você não tem tanta certeza.

Quando sai do presídio, anda com passos hesitantes, como se o chão sob seus pés pudesse ceder, como se a terra pudesse afundar a qualquer instante.

De certa forma, você andarás assim para sempre.

Seu irmão, Bernie, está lá fora para recebê-lo. Acabou de se casar. A esposa dele, Marsha, está grávida do primeiro filho. Ele passa o braço pelos seus ombros. Você quase sente os últimos quatro anos se esvaírem. Bernie faz uma brincadeira qualquer e você ri com vontade pela primeira vez em muito tempo.

Você estava enganado: sua vida não terminou naquela noite fria em Amherst.

Seu irmão o ajudará a reencontrar a normalidade. Você até conhecerá uma bela mulher mais à frente. O nome dela é Olivia. Ela o fará muito feliz.

Vocês dois se casarão.

Um dia, nove anos depois de ter atravessado aquele portão, você ficará sabendo que sua bela esposa está grávida. Decide comprar celulares com câmera para que vocês possam se falar a qualquer instante. Enquanto está no trabalho, seu aparelho toca.

Seu nome é Matt Hunter. O telefone toca pela segunda vez. E então você atende...

NOVE ANOS DEPOIS

capítulo 1

RENO, NEVADA

18 DE ABRIL

A CAMPAINHA TIROU KIMMY DALE de um sono profundo.

Ela se espreguiçou na cama, suspirou e olhou para o despertador digital no criado-mudo.

11h47.

Apesar de ser quase meio-dia, o interior do trailer permanecia escuro. Era assim que Kimmy gostava. Ela trabalhava durante a noite e tinha o sono leve. Quando morava em Las Vegas, passara anos testando cortinas, persianas, venezianas e máscaras para dormir até achar uma combinação que conseguisse de fato impedir a entrada do forte sol de Nevada enquanto ela dormia. Os raios solares em Reno eram menos implacáveis, mas ainda assim atravessavam até a menor fresta.

Kimmy sentou-se na cama *king size*. A televisão, um aparelho de segunda mão que comprara de um pequeno hotel local quando os donos enfim decidiram fazer uma reforma, ainda estava ligada, mas sem som. As imagens flutuavam, fantasmagóricas, em algum mundo distante. Ela tinha dormido sozinha, mas essa era uma condição que mudava com frequência. Houvera um tempo em que cada visitante, cada possível namorado, levava esperança para aquela cama, despertando em Kimmy a sensação otimista de ter encontrado o homem certo, sentimento que, avaliando em retrospecto, ela percebia que sempre terminava em desilusão.

Agora já não havia mais nem essa esperança.

Ela se levantou devagar. Os seios inchados por causa da última cirurgia plástica doíam a cada movimento. Era a terceira vez que ela fazia implante de silicone nas mamas, e não era mais nenhuma garotinha. Não desejara a cirurgia, mas Chally, que achava ter um olho bom para esse tipo de coisa, insistira. Suas gorjetas estavam cada vez menores e sua popularidade diminuía. Então Kimmy concordara. Mas a pele dos seios tinha ficado esticada demais depois da intervenção anterior. Quando ela se deitava de costas, os malditos caíam para os lados e os mamilos ficavam parecendo olhos de peixe.

A campainha tocou outra vez.

Kimmy olhou para as pernas cor de ébano. Aos 35 anos, nunca tivera filhos, mas as varizes cresciam como vermes bem alimentados. Passara anos demais em pé. Chally queria que ela as operasse também. Ainda estava em forma, ainda tinha uma silhueta impecável e um bumbum fantástico, mas, claro, 35 anos não são 18. Tinha um pouco de celulite, e aquelas veias pareciam um maldito mapa em relevo.

Pôs um cigarro na boca. A caixa de fósforos tinha o nome do lugar onde trabalhava, uma boate de striptease chamada Eager Beaver. No passado, Kimmy se apresentara em Las Vegas com o nome artístico Magia Negra. Não tinha saudade daquele tempo. Na verdade, não sentia falta de nenhuma época de sua vida.

Kimmy Dale vestiu um robe e abriu a porta do quarto. A sala não tinha proteção contra o sol. A claridade a atingiu em cheio e ela protegeu os olhos, piscando sem parar. Não era comum receber visitas – nunca trabalhava em casa –, e imaginou que devia ser alguma testemunha de Jeová. Ao contrário da maioria das pessoas, Kimmy não se importava com as ocasionais intromissões deles. Sempre convidava o pregador a entrar e o ouvia com atenção, invejando-o por ter encontrado algo em que acreditar, desejando conseguir ter a mesma fé. Como acontecia com os homens em sua vida, ela torcia para que aquele fosse diferente, que pudesse convencê-la e fazê-la crer nele.

Abriu a porta sem perguntar quem era.

– Seu nome é Kimmy Dale?

A garota parada na soleira era jovem, devia ter uns 20 anos no máximo. Não, não era uma testemunha de Jeová. Não tinha aquele sorriso extasiado típico de alguém cujo cérebro foi esvaziado. Por um momento, Kimmy imaginou se seria uma das recrutas de Chally, mas não havia como. Não que a garota fosse feia, nada disso, mas não estava à altura dele. Chally gostava de brilho, de glamour.

– Quem é você? – perguntou Kimmy.

– Isso não importa.

– Como assim, não importa?

A jovem baixou os olhos e mordeu o lábio inferior. Kimmy percebeu algo vagamente familiar no gesto e sentiu uma pontada no peito.

– Você conheceu a minha mãe – disse a garota.

Kimmy mexeu no cigarro com nervosismo.

– Eu conheço muitas mães.

– A minha era Candace Potter.

Kimmy estremeceu ao ouvir aquele nome. Fazia um calor escaldante, mas ela subitamente fechou mais o robe.

– Posso entrar? – perguntou a garota.

Será que ela respondeu que sim? Não sabia. Deu um passo para o lado e a garota entrou.

– Não estou entendendo – falou Kimmy.

– Candace Potter era minha mãe. Ela me entregou para adoção no dia em que nasci.

Kimmy tentou orientar-se enquanto fechava a porta do trailer.

– Quer beber alguma coisa?

– Não, obrigada.

As duas se olharam por um momento e Kimmy cruzou os braços.

– Não entendi o que você quer.

A jovem falou como se tivesse ensaiado:

– Há dois anos descobri que fui adotada. Amo meus pais adotivos, então não quero que você me entenda mal. Eles são maravilhosos, assim como minhas duas irmãs. Sempre foram muito bons para mim. Não tem nada a ver com eles. É só que... quando você descobre algo assim, quer saber mais.

Kimmy assentiu, porém sem saber por quê.

– Então comecei a procurar informações. Não foi fácil, mas existem grupos que ajudam pessoas adotadas a encontrar os pais biológicos.

Kimmy tirou o cigarro da boca. Sua mão tremia.

– Mas você sabe que Candi... quero dizer, sua mãe, Candace...

– Está morta. Sim, eu sei. Foi assassinada. Descobri na semana passada.

As pernas de Kimmy começaram a tremer. Ela se sentou, tomada por lembranças dolorosas.

Candace Potter, conhecida como Candi Cane nas casas noturnas.

– O que você quer de mim? – perguntou ela.

– Falei com o policial que investigou o assassinato dela, Max Darrow. Você se lembra dele?

Ah, sim, ela se lembrava do bom e velho Max. Já o conhecia antes do assassinato. No início, ele mal investigara o caso. Falara algo sobre baixa prioridade. Stripper morta, sem família. Para ele, Candi era apenas mais uma. Então Kimmy entrara em cena, trocando favores por favores. Era assim que o mundo funcionava.

– Sim – disse –, eu lembro.

– Ele está aposentado agora. Diz que sabe quem matou minha mãe, mas não tem ideia de onde está o assassino.

Kimmy sentiu as lágrimas lhe enchendo os olhos.

– Isso foi há muito tempo.

– Você era amiga da minha mãe?

Kimmy conseguiu assentir. Ainda se recordava de tudo, claro. Candi tinha sido muito mais do que uma amiga. Naquele tipo de vida, não se conhecia muita gente em quem se pudesse confiar de fato. Candi fora uma pessoa assim, talvez a única desde a morte de Mama, quando Kimmy tinha 12 anos. As duas eram inseparáveis, Kimmy e aquela garota branca, e às vezes se denominavam, ao menos profissionalmente, de Pic e Sayers, por causa daquele filme antigo *Glória e derrota*. E então, como no filme, a amiga branca morreu.

– Ela era prostituta? – quis saber a garota.

Kimmy fez que não com a cabeça e disse uma mentira que tinha um fundo de verdade:

– De jeito nenhum.

– Mas ela fazia striptease.

Kimmy não respondeu.

– Não a estou julgando – atalhou a garota.

– Então o que você quer?

– Saber mais sobre ela.

– Não faz diferença nenhuma agora.

– Para mim, faz.

Kimmy lembrou-se de quando ouvira a notícia pela primeira vez. Estava no palco, em um bar perto de Tahoe, fazendo um número de música lenta para os clientes do almoço. Aquele era o maior grupo de fracassados da história da humanidade: homens com botas sujas de terra e um vazio no coração que se tornava ainda maior só de olhar as mulheres nuas. Fazia três dias que não via Candi, mas também era verdade que Kimmy nunca ficava muito tempo em um só lugar. Tinha sido ali, em cima do palco, que ela escutara os rumores pela primeira vez. Percebera que tinha acontecido algo ruim e rezara para que não tivesse nada a ver com a amiga.

Mas tinha.

– Sua mãe teve uma vida difícil – disse.

A garota sentou-se, hipnotizada.

– Candi achava que conseguiríamos sair daquela vida, sabe? No início ela pensava que seria algum cliente da boate, alguém que nos encontraria e nos tiraria dali, mas isso é bobagem. Algumas meninas até tentam, mas nunca conseguem. Os homens querem uma fantasia, não uma mulher. Sua mãe descobriu isso bem rápido. Era uma sonhadora, mas tinha os pés no chão.

Kimmy parou e desviou os olhos.

– E aí? – perguntou a garota.

– Aí aquele canalha acabou com ela como se ela fosse um inseto.

A jovem se remexeu na cadeira.

– O detetive Darrow disse que o nome dele era Clyde Rangor.

Kimmy assentiu.

– Também mencionou uma mulher chamada Emma Lemay. Era a parceira dele?

– Em alguns aspectos, sim. Mas não sei os detalhes.

Kimmy não chorara ao saber do acontecido. Ela estava além disso. Mas não ficara quieta. Arriscara tudo ao procurar Darrow para contar o que sabia.

O problema era que, naquele tipo de vida, não havia muitas garantias. Mas Kimmy não trairia Candi, mesmo àquela altura, quando já era tarde demais para ajudar. Porque, quando Candi se fora, o que havia de melhor em Kimmy morreria junto.

Então ela fora falar com os policiais, sobretudo com Max Darrow. Quem quer que houvesse feito aquilo – e ela estava certa de que tinham sido Clyde e Emma – poderia machucá-la ou matá-la, mas ela não se deixaria intimidar.

No fim, os dois não foram atrás dela. Em vez disso, fugiram.

Isso já fazia dez anos.

– Você sabia sobre mim? – perguntou a garota.

Kimmy assentiu devagar.

– Sua mãe me contou. Mas só falou sobre isso uma vez. Era um assunto doloroso demais para ela. Você precisa entender. Candi era jovem quando aconteceu. Tinha 15, 16 anos. Eles levaram você assim que nasceu. Ela nem ficou sabendo se era menino ou menina.

Seguiu-se um silêncio pesado. Kimmy desejou que a garota fosse embora.

– O que você acha que aconteceu com ele? Com Clyde Rangor?

– Deve ter morrido – sugeriu Kimmy, apesar de não acreditar nisso.

Canalhas como Clyde não morriam. Apenas se entocavam e causavam mais dor.

– Eu quero encontrá-lo – decretou a jovem.

Kimmy ergueu os olhos para ela.

– Quero encontrar o assassino da minha mãe e levá-lo à justiça. Não sou rica, mas tenho algum dinheiro.

As duas ficaram caladas por um momento. O ar parecia denso, quase palpável. Kimmy pensou em como poderia falar o que estava pensando.

– Posso lhe dizer uma coisa? – começou.

– Claro.

– Sua mãe tentou enfrentar tudo.

– Tudo o quê?

– A maioria das garotas costuma se render, entende? – prosseguiu Kimmy.

– Sua mãe nunca fez isso. Nunca se curvou. Jamais deixou de sonhar. Só que nunca conseguiu vencer.

– Não estou entendendo.

– Você é feliz, menina?

– Sou.

– Ainda está na escola?

– Acabei de entrar na faculdade.

– Faculdade – repetiu Kimmy com voz sonhadora. Então acrescentou: – Você...

– Eu o quê?

– Você é a vitória da sua mãe.

A garota não disse nada.

– Candi, sua mãe, não gostaria de ver você envolvida nesse assunto. Está entendendo?

– Acho que sim.

– Espere um momento – pediu Kimmy.

Então abriu uma gaveta. Estava ali, é claro. Não a via fazia muito tempo, mas a fotografia continuava logo no topo. Ela e Candi, sorrindo para o mundo. Pic e Sayers. Kimmy olhou para a própria imagem e percebeu que a jovem que chamavam de Magia Negra era uma desconhecida, uma anônima que Clyde Rangor poderia muito bem ter mandado para o esquecimento também.

– Fique com isto – disse ela.

A jovem segurou a foto como se fosse uma peça de porcelana.

– Ela era linda – sussurrou.

– Muito.

– Parecia feliz.

– Mas não era. Hoje, sim, ela seria.

A garota ergueu os olhos.

– Não sei se vou conseguir ficar fora disso.

Então, pensou Kimmy, talvez você seja mais parecida com sua mãe do que imagina.

As duas se abraçaram e prometeram manter contato. Depois que a garota foi embora, Kimmy vestiu-se. Foi até uma floricultura e comprou uma dúzia de tulipas. Eram as flores favoritas de Candi. Enfrentou o trajeto de quatro horas até o cemitério e ajoelhou-se ao lado do túmulo da amiga. Não havia ninguém por perto. Kimmy limpou a pequena lápide. Pagara o túmulo e a lápide do próprio bolso, porque Candi não tinha família, muito menos um jazigo onde pudesse ser enterrada.

– Sua filha foi me visitar hoje – disse ela.

Soprava uma brisa suave. Kimmy fechou os olhos e ouviu. Teve a sensação de escutar a voz de Candi, por tanto tempo silenciada, pedindo-lhe que cuidasse da segurança da filha.

E ali, sob o sol escaldante de Nevada, Kimmy prometeu que faria isso.

capítulo 2

IRVINGTON, NOVA JERSEY

20 DE JUNHO

– **UM CELULAR COM CÂMERA** – murmurou Matt Hunter balançando a cabeça. Ergueu os olhos para o céu, buscando a ajuda divina, mas a única coisa que o fitava lá de cima era uma imensa garrafa de cerveja.

A garrafa era uma imagem familiar, que Matt via todas as vezes que saía da casa com a pintura descascando que abrigava duas famílias. Com a tampa a mais de 50 metros de altura, a famosa garrafa dominava o horizonte. A Pabst Blue Ribbon era fabricada ali, até as instalações serem abandonadas em 1985. Anos antes, a garrafa tinha sido uma gloriosa caixa-d'água, com chapas de aço recobertas por cobre, esmalte brilhante e uma tampa dourada. À noite, holofotes a iluminavam para que os habitantes de Nova Jersey conseguissem vê-la a quilômetros de distância.

Mas isso era passado. Agora a cor parecia o marrom de uma garrafa de cerveja, mas era na verdade vermelho-ferrugem. O rótulo tinha sumido fazia tempo. Seguindo seu exemplo, a vizinhança – antes numerosa – ao redor dela não tinha apenas diminuído, mas também se desintegrado aos poucos. Havia vinte anos que ninguém trabalhava na cervejaria. A julgar pelas ruínas erodidas, era possível pensar que fazia muito mais tempo.

Matt parou no degrau mais alto. Olivia, o amor de sua vida, não. As chaves do carro tilintavam em sua mão.

– Não acho que seja uma boa ideia – disse ele.

Olivia não interrompeu o passo.

– Ora, vai ser divertido.

– Um telefone deveria ser um telefone – retrucou Matt. – E uma câmera deveria ser uma câmera.

– Nossa, que profundo!

– Um único aparelho com as duas funções... é uma perversão.

– Sua área de especialidade – ironizou Olivia.

– Ha ha! Você não vê o perigo?

– Hã... não.

– Um telefone e uma câmera em um aparelho só... – Matt parou, procurando as palavras. – Bem, não sei, é um equipamento híbrido, se você pensar bem, algo como uma experiência científica desses filmes, daquelas que fogem ao controle e começam a destruir tudo pelo caminho.

Olivia o encarou.

– Você é tão estranho...

– Não sei se é uma boa ter um telefone assim, só isso.

Ela destravou as portas do carro com o controle remoto e estendeu a mão para a maçaneta. Matt hesitou.

Olivia olhou para o marido outra vez.

– O que foi? – perguntou ele.

– Se nós dois tivermos celulares com câmera – respondeu ela –, eu poderei lhe mandar algumas fotos nua enquanto você estiver no trabalho.

Matt abriu a porta.

– De qual operadora? Verizon ou Sprint?

O sorriso de Olivia fez o coração dele acelerar.

– Eu amo você, sabia?

– Eu também amo você.

Dentro do carro, Olivia se virou para ele e a preocupação em seu semblante quase o fez desviar os olhos.

– Vai dar tudo certo – garantiu ela. – Você sabe disso, não é?

Matt assentiu e deu um sorriso forçado. Olivia percebeu que o gesto não era sincero, mas só o esforço de alguma forma já valeu.

– Olivia...

– Sim?

– Fale-me mais sobre as fotos nua.

Ela deu-lhe um tapinha no braço.

No entanto, a preocupação de Matt retornou no momento em que entraram na loja e começaram a ouvir o discurso do vendedor sobre o contrato de dois anos. O sorriso do homem tinha algo de satânico e ele parecia o demônio daqueles filmes em que o sujeito ingênuo vende a alma. Quando ele lhes mostrou o mapa dos Estados Unidos e informou que as áreas fora de serviço estavam marcadas em vermelho, Matt começou a mudar de ideia.

Quanto a Olivia, não havia como conter seu entusiasmo, mas ela tinha uma tendência natural para a empolgação. Era uma das raras pessoas que encontram prazer tanto nas coisas grandes quanto nas pequenas, um dos aspectos que demonstravam – especialmente no caso deles – que os opostos de fato se atraem.

O vendedor continuava tagarelando. Matt parou de ouvir, mas Olivia prestava atenção a tudo o que ele dizia. Fez uma ou duas perguntas só por formalidade, mas o rapaz sabia que aquela cliente já estava não só fígada, mas também a meio caminho da goela.

– Só preciso preparar a documentação – disse o demônio, afastando-se.

Olivia segurou o braço de Matt com uma expressão radiante no rosto.

– Não é divertido?

Matt torceu o nariz.

– O que foi?

– Você usou mesmo a palavra “nua”?

Ela riu e encostou a cabeça no ombro dele.

Claro que a animação dela – e aquela luz ininterrupta que irradiava – se devia a bem mais do que a simples troca de serviço de seus celulares. Comprar aparelhos com câmera era apenas uma simbologia, um sinal do que estava por vir.

Um bebê.

Dois dias antes ela comprara o teste de gravidez na farmácia e o fizera assim que chegara em casa. Em um desdobraimento que Matt achara estranhamente carregado de significação religiosa, uma cruz vermelha enfim aparecera dentro do tubo branco. Ele ficara em silêncio, atônito. Fazia um ano que tentavam engravidar, quase desde que tinham se casado. A tensão do fracasso constante havia transformado o que sempre fora uma experiência espontânea, se não mágica, num metódico ritual de medições de temperatura, marcações no calendário, abstinências prolongadas, concentração redobrada.

Agora tudo isso era passado. Matt advertira Olivia de que ainda era cedo, que não se empolgassem demais, mas ela tinha um brilho que não podia ser negado. Seu alto-astral era uma força poderosa, uma avalanche, uma onda impossível de conter.

Era por isso que estavam ali naquele instante.

Olivia alegara que os celulares com câmera permitiriam uma interação familiar com a qual a geração de seus pais nem sequer sonhara. Graças àqueles aparelhos modernos, nenhum dos dois perderia os momentos marcantes da vida do filho, como os primeiros passos, as primeiras palavras, as brincadeiras e tudo mais.

Ao menos esse era o plano.

Uma hora depois, quando voltaram para casa – sua metade da casa, já que a outra metade estava alugada –, Olivia deu um beijo rápido no marido e subiu a escada.

– Ei – chamou ele, erguendo o celular recém-adquirido e arqueando uma sobrancelha. – Não quer testar a... hã... função de vídeo?

– A câmera só filma quinze segundos.

– Quinze segundos... – Matt pensou um pouco, deu de ombros e disse: – Então vamos ter que estender as preliminares.

Compreensivelmente, Olivia suspirou.

Eles moravam num lugar que a maioria das pessoas consideraria ruim, sob a sombra estranhamente reconfortante da gigantesca garrafa de cerveja de Irvington. Assim que saíra da cadeia, Matt achara que não merecia mais do que aquilo – o que fora ótimo, porque não tinha condições de pagar por nada melhor – e, apesar dos protestos da família, começara a alugar o espaço nove anos antes. Irvington era uma cidade saturada, com uma população de mais de oitenta por cento de afro-americanos. Algumas pessoas poderiam chegar à conclusão óbvia de que fora por certo sentimento de culpa que Matt decidira viver ali. Ele sabia que as coisas nunca eram tão simples, mas não tinha nenhuma explicação melhor além do fato de que não podia, ainda, voltar para o subúrbio. A mudança teria sido brusca e drástica demais.

De qualquer maneira, aquele lugar – com o posto de gasolina, a antiga loja de ferragens, o mercadinho da esquina, os bêbados largados nas calçadas esburacadas, os atalhos para o aeroporto de Newark, o botequim escondido perto da velha cervejaria Pabst – tinha se tornado seu lar.

Quando Olivia se mudara da Virgínia, Matt imaginara que ela insistiria em morar em um local melhor. Sabia que ela estava acostumada a um estilo de vida não necessariamente melhor, mas com certeza diferente. Tinha crescido na pequena cidade de Northways. Ainda era bebê quando a mãe fora embora, e o pai a criara sozinho.

Aos 51 anos, Joshua Murray estava mais para avô do que para pai quando Olivia nascera, e trabalhara duro para se sustentar e proporcionar uma vida digna à filha. Ele era o médico da cidade, o clínico-geral que cuidava de tudo, desde a apendicite de uma menina de 6 anos chamada Mary Kate Johnson até os males de gota do velho Riteman.

Joshua era, segundo Olivia, um homem gentil, bondoso e um pai maravilhoso, louco por sua única parente de sangue. Os dois moravam sozinhos em uma casa de tijolos aparentes na Main Street. O consultório de Joshua ficava em um anexo à direita da entrada de carros. Em geral Olivia ia correndo para casa depois da

escola a fim de ajudar o pai com os pacientes. Ela animava crianças assustadas ou ficava conversando com Cassie, a recepcionista/enfermeira de longa data do consultório. Cassie também era uma espécie de babá. Quando Joshua estava ocupado demais, ela fazia o jantar e ajudava Olivia com o dever de casa. A menina, por sua vez, tinha adoração pelo pai. Seu sonho era – e sim, agora ela se dava conta de como isso soava ingênuo – tornar-se médica e trabalhar com ele.

Quando ela estava no último ano do curso preparatório para a faculdade de medicina, porém, tudo mudou. Joshua, o único parente que Olivia conhecera, morreu de câncer de pulmão. A notícia a deixou transtornada. O antigo sonho de se tornar médica e seguir os passos do pai foi enterrado junto com ele. Olivia terminou o noivado com Doug, o namorado que fazia o mesmo curso, e se mudou de volta para a velha casa em Northways. Mas morar ali sem o pai era doloroso demais, e ela acabou vendendo o imóvel e indo viver em um apartamento em Charlottesville. Arranjou emprego numa empresa de informática que exigia que viajasse com frequência, o que, em parte, foi responsável por renovar o relacionamento que mal tinha começado entre ela e Matt, anos antes.

Irvington, em Nova Jersey, não se comparava a Northways ou Charlottesville, na Virgínia, mas Olivia surpreendeu Matt ao fazer questão de morar lá a fim de economizar dinheiro para comprarem a casa dos seus sonhos, que agora estavam prestes a adquirir.

Três dias depois de terem comprado os celulares com câmera, Olivia chegou em casa e foi direto para o andar de cima. Matt pegou um refrigerante e salgadinhos e a seguiu. Como não a encontrou no quarto, foi até o pequeno escritório. Ela estava sentada diante do computador, de costas para a porta.

– Olivia?

Ela virou-se e sorriu. Matt sempre achara ridículo o velho clichê sobre como um sorriso podia iluminar o ambiente, mas com Olivia isso acontecia. Ela tinha o incrível dom de encher o mundo inteiro de luz com seu sorriso contagiante, que enchia a vida de Matt de cores e alterava tudo ao redor.

– Em que você está pensando? – perguntou Olivia.

– Em como você é gostosa.

– Mesmo grávida?

– Especialmente grávida.

Olivia pressionou uma tecla e o monitor ficou escuro. Então se levantou e beijou-o de leve no rosto.

– Preciso fazer as malas.

Ela ia viajar para Boston, a trabalho.

– A que horas é o voo? – perguntou Matt.

– Acho que vou de carro.
– Por quê?
– Uma amiga minha perdeu o bebê depois de uma viagem de avião. Não quero correr o risco. Ah, e vou passar no Dr. Haddon amanhã cedo, antes de ir. Ele quer me examinar para confirmar a gravidez e ver se está tudo bem.
– Quer que eu vá junto?
Ela fez que não.
– Você tem que trabalhar. Na próxima você vai, quando eu fizer o ultrassom.
– Está bem.
Olivia beijou-o de novo, longamente.
– Ei – murmurou ela. – Você está feliz?
Matt ia fazer uma piadinha, mas mudou de ideia. Encarou a esposa nos olhos e respondeu:
– Muito.
Ela recuou, ainda mantendo-o imobilizado com seu sorriso.
– É melhor eu ir logo arrumar as malas.
Matt observou-a se afastar e permaneceu parado à porta por algum tempo. Sentia o coração leve. Estava feliz de verdade, o que para ele era assustador. Tudo o que é bom dura pouco. Quando você mata uma pessoa e cumpre uma pena de quatro anos num presídio de segurança máxima, logo aprende isso.
As coisas boas eram tão frágeis e tênues que podiam ser destruídas por um sopro.
Ou pelo toque de um telefone.



Matt estava trabalhando quando o celular começou a vibrar. Olhou para o identificador de chamadas e viu que era Olivia. Ele ainda usava a mesma escrivaninha dupla, do tipo em que duas pessoas se sentam uma de frente para a outra, apesar de o outro lado ter ficado vazio três anos antes. Seu irmão, Bernie, comprara aquele móvel quando Matt saíra da cadeia. Antes do acontecido, que a família chamava, eufemisticamente, de “deslize”, Bernie tinha grandes planos para eles, os irmãos Hunters. Depois que Matt fora libertado, ele não queria que nada mudasse. Matt deixaria aqueles anos para trás. O “deslize” seria apenas um acidente de percurso, nada mais, e os irmãos Hunters voltariam à ativa.
A convicção de Bernie era tão forte que Matt quase começara a acreditar também.
Os dois dividiram aquela mesa por seis anos. Trabalhavam com advocacia naquela sala – Bernie era a parte lucrativa, enquanto Matt, impedido de exercer

a profissão devido à sua condenação, cuidava das questões práticas e burocráticas. Os colegas advogados de Bernie achavam aquela configuração estranha, mas se havia algo de que os dois irmãos não faziam questão era privacidade. Dividiram um quarto e um beliche durante toda a infância, Bernie sempre em cima, uma voz vinda do alto, no escuro. Ambos sentiam falta daquela época – ou, ao menos, Matt sentia. Nunca gostara de ficar sozinho, e sentia-se mais confortável com Bernie por perto.

Durante seis anos.

Matt apoiou as palmas das mãos no tampo de mogno da mesa. Já devia ter se desfeito dela. Fazia três anos que o lado de Bernie estava vazio, mas Matt às vezes ainda olhava para lá esperando vê-lo.

O celular vibrou outra vez.

Em um instante Bernie tinha tudo: uma esposa maravilhosa, dois filhos lindos, uma bela casa no subúrbio, era sócio de um renomado escritório de advocacia, tinha a saúde perfeita, era querido por todos. No instante seguinte, a família assistia consternada ao caixão descer à sepultura, ainda sem entender direito o que acontecera. Aneurisma cerebral, dissera o médico. Você anda por aí com um negócio desses por anos e então, do nada, ele acaba com a sua vida.

O celular estava programado para vibrar e depois tocar. O aparelho parou de tremer e começou a entoar a velha música do Batman.

Matt tirou o celular novo do cinto.

Aproximou o dedo da tecla de atender. Aquilo era um pouco estranho. Apesar de trabalhar na área de informática, Olivia era uma negação no que se referia a qualquer habilidade tecnológica. Ela quase nunca usava o telefone, e, quando usava, bem, ela sabia que Matt estava no escritório e sempre ligava para o número fixo.

Matt pressionou o botão para falar, mas apareceu uma mensagem no visor informando que uma fotografia estava chegando. Isso também era curioso, pois, apesar de todo aquele entusiasmo inicial, Olivia ainda não aprendera a usar a câmera do telefone.

O interfone em sua mesa tocou.

Rolanda – por Matt, ele a chamaria de secretária ou assistente, mas ela não gostava nem um pouco disso – pigarreou.

– Matt?

– Sim?

– Marsha na linha dois.

Ainda olhando para o visor do celular, Matt apertou a tecla do telefone fixo para falar com a cunhada, viúva de Bernie.

– Olá.

– Olá – disse Marsha. – Olivia ainda está em Boston?

– Está. E, neste momento, acho que está me enviando uma foto pelo celular novo.

– Ah. – Houve uma breve pausa. – Você vai ver a casa hoje?

Fazia parte do senso de união familiar a escolha de Matt e Olivia de morar perto de Marsha e dos meninos. Estavam quase fechando a compra de um imóvel em Livingston, cidade onde Bernie e Matt haviam sido criados.

Matt questionara até que ponto essa decisão era sensata. As pessoas tinham uma memória infalível. Não importava quantos anos tinham passado, ele sempre seria alvo de cochichos e insinuações. Por um lado, já fazia muito tempo que não se importava com esse tipo de coisa, mas, por outro, preocupava-se com Olivia e com o bebê que ia nascer. Não queria que o filho crescesse à sombra de uma “maldição”.

Mas Olivia sabia dos riscos, e era isso que ela queria.

Mais importante ainda, houvera aquele... “problema” de Marsha – Matt ainda não encontrara um eufemismo adequado para usar. Um ano depois da morte repentina de Bernie, ela tivera um breve colapso nervoso e passara duas semanas fora, “descansando” – outro eufemismo –, enquanto Matt ficara na casa dela tomando conta dos sobrinhos. Agora ela estava bem, pelo menos era o que todos diziam, mas Matt preferia estar por perto.

A vistoria da casa estava marcada para aquele dia.

– Daqui a pouco vou para lá. Por quê, o que houve?

– Será que poderia dar uma passada aqui?

– Na sua casa?

– É.

– Claro que sim.

– Se for atrapalhar...

– Não, de jeito nenhum.

Marsha era uma mulher bonita, com um rosto oval cuja expressão às vezes parecia distante. Tinha um tique nervoso que a fazia olhar para cima como se para se assegurar de que a nuvem escura continuava ali. Era apenas um cacoete, claro, não tinha nada a ver com algum distúrbio psicológico.

– Está tudo bem? – perguntou Matt.

– Sim, estou ótima. Não é nada de mais. É só que... você poderia ficar com os meninos por algumas horas? Tenho uma reunião na escola, e é a noite de folga de Kyra.

– Quer que eu os leve para jantar?

- Seria ótimo. Mas nada de McDonald's, está bem?
- Pode ser comida chinesa?
- Perfeito.
- Certo, eu passo por aí.
- Obrigada.

A imagem começou a aparecer no celular.

- Até mais tarde – disse ele.

Marsha se despediu e desligou.

Matt voltou a atenção para o visor do aparelho. Era minúsculo, devia ter uns 5 centímetros de largura, se tanto. O sol brilhava e a cortina estava aberta. A forte claridade tornava difícil ver a imagem com nitidez. Matt protegeu o pequeno visor com a mão e inclinou o corpo para fazer sombra. A visibilidade melhorou um pouco.

Um homem apareceu na tela.

Era difícil distinguir os detalhes. Ele aparentava ter 30 e poucos anos – a idade de Matt – e seus cabelos eram muito pretos, quase azuis. Usava uma camisa social vermelha e tinha uma das mãos erguida, como se estivesse acenando. Estava em um cômodo com paredes brancas e uma janela de vidro fosco. Exibia um sorrisinho meio irônico, com um certo ar de superioridade. Matt encarou a imagem e poderia jurar que vira algo zombeteiro nos olhos do homem.

Não o conhecia.

Não sabia por que a mulher tirara uma foto dele.

O visor escureceu e Matt permaneceu imóvel. Uma espécie de zumbido se instalou em seus ouvidos. Escutou outros ruídos – um aparelho de fax, vozes baixas, o trânsito lá fora –, mas eram sons distantes, abafados.

- Matt?

Era Rolanda Garfield, a secretária/assistente. Ninguém na empresa gostara muito quando Matt a contratara. Rolanda era simples demais para os narizes empinados da Carter Sturgis, mas ele fizera questão. Ela fora uma de suas primeiras clientes e uma de suas poucas e suadas vitórias.

Durante o tempo que passara na cadeia, Matt conseguira juntar créditos suficientes para concluir o bacharelado. O diploma de advogado viera pouco depois de ter sido libertado. Bernie, uma fonte de influência em seu poderoso escritório de advocacia Carter Sturgis, presumira que conseguiria persuadir a Ordem dos Advogados a abrir uma exceção e permitir que seu irmão ex-presidiário pudesse exercer a profissão.

Estava enganado.

Mas Bernie não se deixava abater com facilidade. Então convencera os sócios

a aceitar Matt como “assistente”, um termo maravilhoso que, na maior parte das vezes, parecia englobar todas as tarefas ingratas e tediosas.

A princípio, os sócios da Carter Sturgis não haviam gostado da ideia. Era de se esperar, claro. Um ex-presidiário trabalhando numa firma de advocacia tão bem-conceituada? Simplesmente não podia acontecer. Mas Bernie apelara para o senso de humanidade deles: Matt contribuiria para a projeção social da empresa. Seria a prova de que a companhia tinha sentimentos e acreditava em segundas chances, pelo menos em teoria. Matt era inteligente. Tinha potencial. E, mais importante: poderia lidar com os montes de casos gratuitos, liberando os sócios para esvaziar os bolsos alheios sem terem que se preocupar com as pessoas de classes mais baixas.

As duas tacadas finais de Bernie foram decisivas: Matt trabalharia por um salário simbólico – afinal, ele não tinha muita escolha, não é? – e ele, Bernie, o menino de ouro da firma, pediria demissão se seu irmão não fosse aceito.

Os sócios consideraram a proposta: fazer uma ação humanitária e lucrar com isso? Era o tipo de lógica que motivava qualquer ato de caridade.

Matt manteve os olhos fixos no visor escuro. Seu coração deu um salto. Imaginou quem seria aquele sujeito de cabelos negros.

Rolanda colocou as mãos nos quadris.

– Terra chamando Matt.

– O quê? – perguntou ele, saindo do transe.

– Você está bem?

– Eu? Estou, sim.

Rolanda fitou-o com desconfiança.

O celular vibrou de novo e a secretária/assistente continuou ali parada, com os braços cruzados. Matt olhou para ela, mas Rolanda não se mancou. Quase nunca se mancava. O aparelho vibrou mais uma vez e a música-tema do Batman começou a tocar.

– Não vai atender? – quis saber ela.

Matt olhou para o aparelho. O número do celular de Olivia piscava no visor.

– Alô-ôu, Batman! – disse Rolanda.

– Já ouvi – retrucou ele.

Encostou o polegar na tecla verde de atender, demorando uma fração de segundo para pressioná-la. O visor se iluminou.

Dessa vez, apareceu um vídeo.

Apesar do avanço da tecnologia, a qualidade da imagem não era das melhores, e por um ou dois segundos Matt não entendeu nada. Sabia que o vídeo não duraria muito – dez, quinze segundos no máximo.

Era um quarto. Ele conseguiu ver isso. A câmera se moveu, passando por um aparelho de televisão em um suporte. Havia um quadro pendurado na parede, mas não era possível distinguir a imagem nele. Pelo jeito, tratava-se de um quarto de hotel. A câmera parou na porta do banheiro.

Então uma mulher apareceu.

Seus cabelos eram louros platinados. Ela estava de óculos escuros e usava um vestido azul provocante. Matt franziu a testa.

Que diabo era aquilo?

A mulher ficou parada por um momento. Matt teve a impressão de que ela não sabia que estava sendo filmada. Quando ela se moveu, a câmera a seguiu, acompanhando cada passo. Uma claridade repentina iluminou a tela conforme a mulher se aproximava da janela, e a partir desse ponto a imagem tornou-se nítida.

Quando a mulher chegou perto da cama, Matt parou de respirar.

Reconheceu aquele jeito de andar.

Reconheceu também a maneira como ela se sentou na cama, o sorriso vacilante que se seguiu, o modo como erguia o queixo, como cruzava as pernas.

Ele estava paralisado.

De algum lugar distante, a voz de Rolanda chegou-lhe aos ouvidos, mais suave agora:

– Matt?

Ele a ignorou. A câmera foi abaixada, talvez colocada sobre algum móvel. Ainda focalizava a cama. Um homem aproximou-se da loura platinada. Matt só conseguia ver as costas dele. Ele usava uma camisa vermelha e tinha cabelos bem pretos. O corpo dele bloqueou a visão da mulher. E da cama.

A visão de Matt ficou turva e ele piscou para recuperar o foco. A tela de LCD começou a escurecer. A imagem vacilou, depois desapareceu, e Matt continuou sentado ali, com Rolanda observando-o com curiosidade e as fotos dispostas na parte da mesa antes usada por seu irmão ainda no lugar. Matt teve certeza – bem, quase certeza, já que a tela era muito pequena, não era? – de que a mulher naquele estranho quarto de hotel, dentro daquele vestido provocante, que usava uma peruca loura mas na verdade era morena, chamava-se Olivia e era a sua esposa.

capítulo 3

NEWARK, NOVA JERSEY

22 DE JUNHO

LOREN MUSE, INVESTIGADORA DO Departamento de Homicídios do condado de Essex, encontrava-se acomodada na sala do chefe.

– Espere um segundo – disse ela. – Você está dizendo que a freira tinha implante de silicone nos seios?

Ed Steinberg, promotor público do condado, estava sentado atrás da mesa e esfregava a barriga protuberante como uma bola de boliche. Sua constituição física fazia com que quem o observasse de costas não dissesse tratar-se de um homem robusto. Parecia apenas ter um traseiro achatado. Ele se inclinou para trás e cruzou as mãos atrás da cabeça. A camisa estava amarelada sob os braços.

– É o que parece.

– Mas ela morreu de causas naturais? – quis saber Loren.

– Foi o que pensamos a princípio.

– E não pensam mais?

– Eu já não penso mais nada – respondeu ele.

– Estou doida para fazer uma piadinha com isso, chefe.

– Mas não vai. – Steinberg suspirou, endireitou-se na cadeira e pôs os óculos de leitura. Então começou a ler: – A irmã Mary Rose, professora de Estudos Sociais da oitava série, foi encontrada morta em seu quarto no convento. Não foram achados sinais de luta nem ferimentos. Tinha 62 anos. Aparentemente, a morte se deu por causas naturais. Ataque cardíaco, derrame ou outro mal súbito. Nada de suspeito.

– Mas? – encorajou Loren.

– Mas o caso apresentou um novo desenvolvimento.

– Acho que você quer dizer “desdobramento”.

– Pare. Você não está ajudando.

Loren abriu os braços, com as palmas das mãos voltadas para cima.

– Ainda não entendi por que estou aqui.

– Que tal por ser a melhor investigadora de homicídios do condado?

Ela fez uma careta.

– É, não achei mesmo que essa fosse colar. Essa freira – continuou Steinberg, tirando os óculos e olhando para Loren – dava aulas no St. Margaret.

– E daí? – retrucou ela.
– E daí que você estudou lá, certo?
– Certo, mas de novo eu pergunto: e daí?
– E daí que a madre superiora tem alguma influência sobre as autoridades e solicitou sua presença.
– Irmã Katherine?
Steinberg verificou o papel.
– Sim, ela mesma.
– Você está brincando, não é?
– Não. Ela pediu especificamente você.
Loren balançou a cabeça.
– Imagino que você a conheça – disse Steinberg.
– Irmã Katherine? Sim, mas só porque eu era sempre mandada para a diretoria...
– Espere aí, você foi uma criança problema? – Steinberg levou a mão ao peito.
– Estou chocado!
– Ainda não entendi por que ela quer me ver.
– Talvez ela tenha imaginado que você seria discreta.
– Eu odiava aquela escola.
– Por quê?
– Você nunca estudou em colégio católico, certo?
Steinberg ergueu da mesa a plaqueta com seu nome e apontou as letras, uma por uma.
– Steinberg – leu ele devagar. – Está vendo o “Stein”? Está vendo o “Berg”?
Você diria que é um sobrenome comum entre meninos católicos?
Loren assentiu.
– Bem, então você não vai conseguir me entender. Seria como tentar dar aulas de música a uma pessoa surda. A qual promotor vou me reportar?
– A mim.
A informação surpreendeu Loren.
– Diretamente?
– Sim, e exclusivamente também. Ninguém mais se envolverá no caso. Entendido?
– Entendido.
– Então, está pronta?
– Pronta para quê?
– Para a irmã Katherine.
– O que tem ela?

Steinberg levantou-se e contornou a mesa.

– Ela está na sala ao lado. Quer falar com você em particular.



Quando Loren Muse estudava no colégio de freiras St. Margaret, sua impressão era de que a irmã Katherine tinha 4 metros de altura e uns 100 anos de idade. O passar do tempo a fizera encolher e revertera o processo de envelhecimento. Não muito, só um pouco.

Na época, as freiras usavam o hábito completo. Agora a irmã Katherine vestia um traje discreto, porém mais informal. *A maneira que as freiras encontraram para acompanhar a evolução da moda*, pensou Loren.

– Vou deixá-las à vontade – disse Steinberg.

Irmã Katherine estava em pé, as mãos unidas quase em posição de prece. Quando a porta se fechou, por alguns segundos nenhuma das duas falou nada. Loren conhecia aquela estratégia, e não seria a primeira a se pronunciar.

Quando cursava o segundo ano no Livingston, Loren fora rotulada como uma aluna problema e enviada para o St. Margaret. Era miudinha na época, com apenas 1,50 metro, e não havia crescido muito mais desde então. Os outros investigadores, todos homens e todos metidos a espertos, a chamavam de Baixinha – alguns de forma carinhosa, outros nem tanto.

Mas Loren não fora sempre problemática. Quando cursava o ensino fundamental, era uma menina levada, ativa e jogava bola como poucos meninos. Nunca fora inclinada a atividades e brincadeiras femininas – preferia uma boa partida de queimado a brincar de casinha ou com bonecas. Seu pai trabalhava fazendo bicos, a maioria deles envolvendo caminhões. Era um homem pacato e gentil, que cometera o erro de se apaixonar por uma mulher bonita demais para ele.

Os Muses moravam em Coventry, uma parte do subúrbio de Livingston bem acima de seu nível socioeconômico. A mãe de Loren, a bela e exigente Sra. Muse, insistira em viver lá porque, afinal de contas, ela merecia, ora! Ninguém, absolutamente ninguém, olharia para Carmen Muse de forma desdenhosa.

Ela pressionava o marido, exigindo que ele trabalhasse ainda mais, que fizesse mais empréstimos, que encontrasse uma maneira de manter o estilo de vida, até que – dois dias depois do aniversário de 14 anos de Loren – ele estourou os miolos na garagem de casa.

Agora, pensando em retrospecto, Loren compreendia que o pai devia sofrer de distúrbio bipolar. Havia um desequilíbrio químico no cérebro dele. Quando um homem se mata, não é justo culpar outras pessoas, mas Loren fizera isso. Culpara a mãe. Sempre imaginava como teria sido a vida de seu adorável pai

se ele tivesse se casado com uma mulher que não exigisse tanto dele e que não fosse tão perdulária quanto Carmen Valos, de Bayonne.

A jovem Loren reagira à tragédia como seria de se esperar: com rebeldia. Começara a beber, fumar, envolver-se com más companhias e ir para a cama com qualquer um. Achava muito injusto que os rapazes que dormiam com várias garotas fossem considerados o máximo e que as meninas que tinham o mesmo comportamento fossem vistas como vagabundas. Mas a verdade – por mais que relutasse em admitir – era que, apesar de todas as convenientes justificativas feministas, ela sabia que seu grau de promiscuidade era inversamente proporcional a seu nível de autoestima. Ou seja, quanto mais baixa sua autoestima estivesse, mais fácil era... hã... levá-la para a cama. Isso não parecia acontecer com os homens – ou talvez eles soubessem disfarçar melhor.

A irmã Katherine rompeu o silêncio:

– É bom rever você, Loren.

– Igualmente – retrucou ela com uma voz hesitante que não parecia sua. O que viria a seguir? Será que começaria a roer as unhas? – O promotor Steinberg disse que a senhora queria falar comigo.

– Podemos nos sentar?

Loren deu de ombros com indiferença, cruzou os braços e deslizou para a cadeira. Depois que se acomodou, cruzou as pernas. A reprovação ficou estampada no rosto da irmã Katherine. Então, lembrando-se de que estava com um chiclete na boca, Loren não se intimidou e começou a mastigar ruidosamente, como um bovino ruminando.

– Quer me dizer o que está havendo?

– Trata-se de uma situação delicada – começou a madre. – Exige bastante... – Ela ergueu os olhos como se pedisse ajuda divina.

– Cautela? – sugeriu Loren.

– Sim. Cautela.

– Está bem – disse Loren, com voz arrastada. – Tem a ver com a freira que colocou silicone nos peitos, não é?

A religiosa fechou os olhos, para em seguida abri-los de novo.

– Sim – respondeu. – Mas acho que você está ignorando a questão principal.

– Que é...?

– O fato de termos perdido uma grande professora.

– A irmã Mary Rose – retrucou Loren, acrescentando em pensamento: *Nossa Senhora do Decote*.

– Isso.

– A senhora acha que ela morreu de causas naturais?

- Acho.
- Então...?
- É um assunto bem difícil de abordar.
- Eu gostaria de ajudar.
- Você era uma boa menina, Loren.
- Não, eu era um pé no saco.

A mãe superiora esboçou um sorriso.

- Bem, sim, isso também.

Loren retribuiu o sorriso.

- Há vários tipos de crianças problemáticas – observou a irmã Katherine. – Você era rebelde, mas sempre teve bom coração. Nunca foi cruel com os outros. Essa, para mim, sempre foi a questão. Você muitas vezes se encrencava por defender os mais fracos.

Loren curvou-se para a frente e surpreendeu a si mesma: pegou a mão da freira. A irmã Katherine também pareceu surpresa. Fixou os olhos azuis nos de Loren.

- Prometa-me que vai guardar apenas para você o que vou lhe dizer – pediu ela. – É muito importante. Sobretudo nestas circunstâncias... Se houver o menor indício de escândalo...

- Não vou encobrir nada.

- Nem eu lhe pediria isso! – retrucou a irmã, em um tom de indignação religiosa. – Precisamos descobrir a verdade. Cheguei a considerar a ideia de... – ela balançou a mão no ar – de deixar para lá. A irmã Mary Rose seria sepultada normalmente e tudo ficaria por isso mesmo.

Loren continuava a segurar a mão dela. A pele da freira estava escura, como se esculpida em madeira.

- Vou fazer o possível – afirmou.

- Você precisa compreender. A irmã Mary Rose era uma de nossas melhores professoras.

- Ela dava aula de Estudos Sociais?

- Dava.

Loren puxou pela memória.

- Não me lembro dela.

- Quando ela chegou, você já tinha saído de lá.

- Há quanto tempo ela trabalhava no St. Margaret?

- Sete anos. E deixe-me dizer uma coisa: ela era uma santa. Sei que essa palavra já foi tão usada que perdeu o significado real, mas não há outro modo de descrevê-la. A irmã Mary Rose nunca procurou a glória. Não tinha ego. Só desejava fazer o que era correto.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br